

DIÁRIO DE PESQUISA CIENTÍFICA



REVISTA SAMAYONGA

VOL. 2 N. 2 (2023)

ÁREAS

1

CIÊNCIAS TÉCNICAS

2

CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

3

CIÊNCIAS MÉDICAS

ISSN 0504-0035



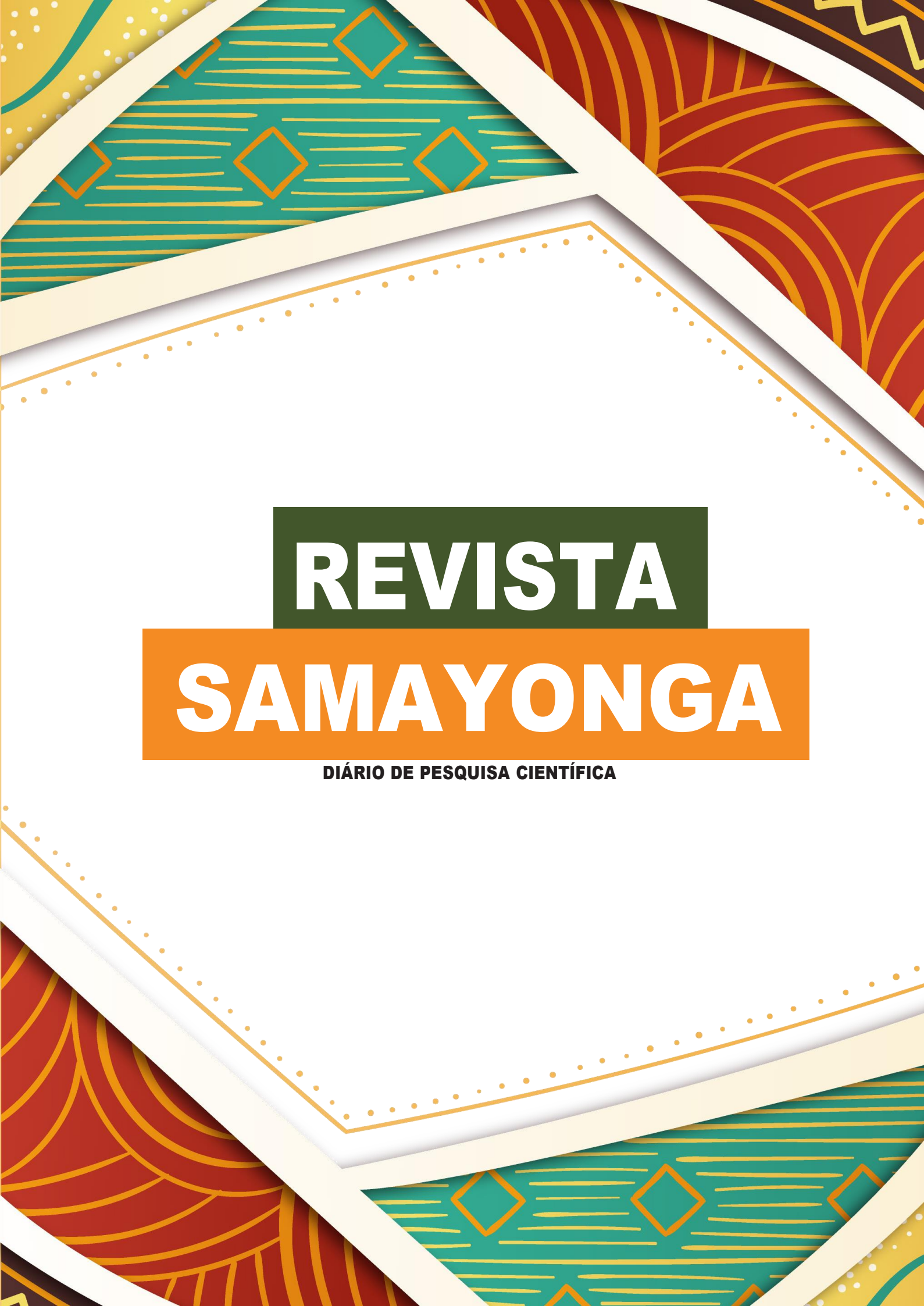
9 770504 003142



MWANA PWO EDITORA







REVISTA **SAMAYONGA**

DIÁRIO DE PESQUISA CIENTÍFICA

FICHA TÉCNICA

Editor Chefe

Dr. JORGE RUFINO

(Universidade Agostinho Neto, Universidade Jean Piaget de Angola)

Conselho editorial

Presidente - Dr. C Francisca Manuela Martins Wille

(Universidade Jean Piaget de Angola)

Dr. C Vicente Eugenio León Hernández

(Universidade de Pinar del Rio)

Dr. C Albano Ferreira

(Universidade Katyavala Bwila)

Dr. C Filomena de Jesus Francisco Correia Filho Sacomboio

(Instituto Superior para as Tecnologias da Informação e Comunicação)

Dr. C Klaus- Dieter Gerhard Wille

Dr. C Ivan Machado

(Universidade de Santa Clara)

Revisão

Msc. Imaculada Esperança Lourenço Domingos

(Universidade Jean Piaget de Angola)

Equipe Técnica

Elias Clemente Gongá

Eng. Flávio Geremias Miguel Clemente

Fernando Kubuanguêça Feliciano

Paginação & Designer

Vanilson Cristóvão

**Revista técnico-científica Samayonga [recurso eletrônico].
Vol. 2 N. 2 (2023) - Luanda.**

Período: Semestral

1. Ciências Técnicas. 2. Ciência da Educação. 3. Ciências Médicas



REVISTA SAMAYONGA

DIÁRIO DE PESQUISA CIENTÍFICA







BEM VINDO A REVISTA SAMAYONGA

Estimado colegas

A revista Samayonga que agora sai a segunda edição no mercado angolano académico e científico, vai continuar a preencher as grandes lacunas, que as produções e publicações se denominam.

A revista Samayonga vai continuar a ter como objectivo principal a divulgação de trabalhar com:

- Trabalho de fim do curso de licenciatura
- Trabalhos relacionados a pedagogia, sociologia e outros fins
- Investigação de projectos científicos e académicos das áreas da engenharia, medicina e pedagogia

A RICS conta com um corpo editorial de 12 membros, todos com bastantes experiências de mais 20 anos em educação superior na investigação em publicações em revista internacionais. As contribuições enviadas são submetidas a revisão a pares interna e externas e se garante a sua imparcialidade mediante a dupla cega. Os nossos corpos de árbitros fazem parte de uma rede de professores angolanos do ensino superior que podem recomendar com base na norma de revisão.

Neste quesito recomendamos que o envio dos trabalhos deve ser realizado por nosso e-mail: secretariageral@ciap-samayonga.co.ao assim como as normas devem ser consultada nas nossas páginas web: www.ciap-samayonga.co.ao

Esperamos que esta revista continue a poder preencher o grande vazio que Angola ainda tem no Ranking do mundo da ciência e da academia.

Luanda, aos 21 de Dezembro de 2023

O editor Chefe

Drº. Jorge Rufino



SUMÁRIO

04 EDITORIAL

09 ARTIGOS

11 CONTRIBUIÇÕES DO PROFETA SIMÃO GONÇALVES TÔCO NO CAMPO DA EDUCAÇÃO
EM ANGOLA DE 1937 A 1950



ARTIGOS

Contribuições do profeta Simão Gonçalves Tôco no campo da educação em Angola de 1937 a 1950

Chiquito Afonso Fernando Domingos

RESUMO

A Presente pesquisa trata sobre as contribuições do profeta Simão Gonçalves Tôco no campo da educação em Angola, de 1937 a 1950. De igual modo, objectivou-se neste estudo,descrever as contribuições do referido do Profeta no campo da educação. Outrossim, para tornar concreto a pesquisa, recorreu-se ao método de entrevista e bibliográfico. Ademais, os

resultados demonstraram que Simão Gonçalves Tôco contribuiu para defesa da educação em Angola, sobretudo, na escolarização continuada, inclusiva e igualitária, bem como, na educação sobre a autodeterminação dos angolanos. Finalmente, a pesquisa Justifica-se pela sua pertinência, pois, permitirá a sociedade angolana valorizar as contribuições de Simão Gonçalves Tôco no campo da educação.

Palavras-Chave: Educação, Escolarização, Conscientização, libertação.

SUMMARY

This research deals with the contributions of the prophet Simão Gonçalves Tôco in the field of education in Angola, from 1937 to 1950. Likewise, the aim of this study was to describe the contributions of the Prophet in the field of education. Furthermore, to make the research concrete, the interview and bibliographic method were used.

Furthermore, the results demonstrated that Simão Gonçalves Tôco contributed to the defense of education in Angola, above all, in continued, inclusive and egalitarian schooling, as well as in education on the self-determination of Angolans. Finally, the research is justified by its relevance, as it will allow Angolan society to value the contributions of Simão Gonçalves Tôco in the field of education.

Keywords: education, Schooling, Awareness, Release.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, debruçou-se sobre “contribuições do profeta Simão Gonçalves Tôco no campo da educação, no período de 1937 a 1950”, tendo em conta, o empenho deste nacionalista na construção de uma mentalidade africana, em geral, e angolana, em particular, capaz de responder aos problemas sociais e políticos do seu tempo. Entretanto, Tôco, teve um papel pragmático na conscientização e no despertar do homem oprimido (pretos de África – Angola e do mundo), defendendo uma educação formal inclusiva e libertária, bem como, a educação sobre a autodeterminação.

Entretanto, Tôco, estava consciente que toda sociedade dever estar implicada na educação das novas gerações, e esta responsabilidade não deve ser apenas um papel jogado pelas escolas públicas, mas de todas instituições sociais, sobretudo, em Angola, onde a opressão se tinha instalado por muitos séculos. Por isso, era preciso que movimentos como Tocoísmo, fossem educadores para despertar o preto, que vivia como homem-objecto e subalterno do estrangeiro (colono), porque por inerência da doutrina colonial, as escolas haviam se tornado em fábricas de controlo e manutenção da submissão – inferiorização dos pretos e superiorização dos brancos, convista a perpetuação da colonização.

Neste sentido, Simão Tôco, mais do que um profeta, tornou-se num pedagogo revolucionário ao defender uma educação reformadora, inclusiva e reafricanizadora, focando-se na educação escolar - institucional e a autodeterminação, tendo mesmo na sua “profissão de professor em 1937” (Domingos, 2007; Kisela, 2013; Nunes, 2018), defendendo uma educação que liberta, para dissolver na consciência do oprimido o desejo de um diareprimir

o opressor, porque “quando uma prática educativa não liberta, o sonho do oprimido é de encarnar a pessoa do opressor” (Freire, 1970).

Por isso, quando os missionários determinaram que ele deve ser o único preto culto no seio da missão, Tôco, lutou pelo “acesso indiscriminado de todos pretos aos estudos liceais” (Ferreira, 2012), contrariando o projecto educativo missionário da colonização e da subalternização, através da postulação de uma doutrina educativa libertária e revolucionária.

Apesar de tudo, em Angola não se fala sobre as contribuições do profeta Simão Gonçalves Tôco no campo da educação em Angola. Sabemos que ele defendeu uma educação formal que transcende a 4ª classe para os angolanos, e recorrendo a esta estratégia, fomentou, de igual modo, a defesa de uma educação institucional emancipadora e que autodeterminasse os angolanos, para se combater a opressão, entre 1937 a 1950.

Mesmo assim, pouco ou nada se fala a respeito desta situação. Assim sendo, formou-se a seguinte pergunta de partida: Quê contribuições teve o Profeta Simão Gonçalves Tôco no campo da educação em Angola no período de 1937 a 1950? A luz do problema levantado, explicitou-se o seguinte o objectivo geral: descrever as contribuições do Profeta Simão Gonçalves Tôco no campo da educação em Angola no período de 1937 a 1950. De igual modo, determinou-se os seguintes objectivos específicos: aclarar as razões que levaram Simão Gonçalves Tôco defender a educação em Angola no período de 1937 a 1950; detalhar as contribuições do Profeta Simão Gonçalves Tôco no campo da educação em Angola no período de 1937 a 1950.

Justificativa

O presente trabalho Justifica-se pela sua conveniência, porque permitirá a sociedade valorizar as contribuições do profeta angolano Simão Gonçalves Tôco no campo da educação. De igual modo, poderá permitir com que os professores aprendam mais sobre o papel dos tocoistas na construção da educação em Angola, e transmiti-lo na academia, para servir de alicerce para aqueles que desconhecem a história do Simão Tôco, enquanto figura da linha da frente do nacionalismo educativo angolano.

Fundamentos Teóricos

Contexto educativo e curricular angolano na época colonial

O sistema educativo angolano consubstanciado num conjunto de conhecimentos e valores, que formam parte da nossa identidade, começou apenas em 1975, data da nossa independência até nos dias de hoje. Neste sentido, somente a partir de 1975, começou-se a leccionar nas escolas, conteúdos sobre a nossa história, sobre o nosso povo, nossos heróis, nossa tradição e nossos valores.

Entretanto, é óbvio que antes da emancipação de Angola, vivíamos sob égides dos padrões ou doutrinas coloniais, baseados no ensino de um conjunto de valores meramente Europeu (Português), em contraste com a nossa identidade, que se refletiu em função do contexto da colonização.

Por isso, não se dava seriamente espaço para ensinar algo originalmente angolano nos currículos daquele tempo (colonial), que eram forjados para produção de um tipo de preto subalterno ao europeu, mantendo-se intactas as premissas da destribalização

Outrossim, a presente pesquisa é de enorme relevância, porque dele se reveste os contributos pedagógicos, sociológicos e históricos que se concretizam através da materialização e preocupação deste Profeta, no processo de criação e construção de um homem angolano, preparado e conscientizado com habilidades que libertam-no da opressão e do retrocesso cultural e educativo.

elusitanização ou imposição coerciva dos valores portugueses aos angolanos.

Todos estes aspectos leva-nos consistentemente a percepção de que antes de 1975 não se leccionava conteúdos sobre os valores de Angola, pois, “para o Europeu (com uma equivocidade exacerbada) África é um continente sem história e com plenas necessidades de serem altamente civilizados” (Keita, 2009), dando-se assim a violência cultural consubstanciada na substituição forçada dos valores angolanos pelos portugueses.

Por isso, Simão Gonçalves Tôco, na dimensão e postura nacionalista, defendeu uma educação institucional reformada, cujas bases orientam-se na escolarização igualitária entre brancos e pretos e na busca pelos padrões culturais angolanos, para dar consistência a identidade angolana, bem como, na educação sobre a autodeterminação dos povos, para contrapor a exploração, escravidão e a dominação da minoria branca sobre a maioria negra.

A estratégia do currículo pobre para o africano

O colono português implantou em Angola um plano curricular que descontinui os padrões educativos que remontam na prática e na memória dos pretos, e constituiu um tipo de educação que serviu de fábrica da destruição da identidade angolana e coisificação do homem negro, para torná-lo submisso e obediente ao opressor-colono. Entretanto, este currículo foi inspirado no discurso de Norton de Matos, que defendia um projecto educativo “embasado num aprendizado que deixaria os pretos literalmente analfabetos, pois, centra-se no ensino sobre ofícios e trabalhos manuais” (Silva, 2017, p. 68-69), que inibem o desenvolvimento intelectual e o espírito crítico do angolano.

Entretanto, o colono disponibilizou um tipo de educação incapaz de libertar, porque estava milimetrizada na construção de um homem – objecto, laboratorizado, com base nas proscritões coloniais, o que levou Simão Tôco a criar uma doutrina educativa da libertação – o Tocoísmo, para desgrudar os angolanos da doutrina educativa da opressão.

De igual modo, Silva (2017) reitera que “o currículo das colónias portuguesas no século XIX e XX, foi fundamentado no ensino da língua portuguesa, por meio da rejeição das línguas nativas, ensino sobre valores cristãos eivados de proselitismo ao branco, bem como, técnicas de marcinaria, pedreira, comércio e outros ofícios que tornariam um preto apenas submisso ao colonizador, do que um agente activo na construção e transformação da própria sociedade”.

Contudo, entende-se que a colonização elaborou um projecto educativo que negaria do angolano o sonho do “ser superior”, porque tornar o preto num “ser menor”, foi a questão central dos programas educativos coloniais, tanto nas escolas do Estado, quanto das missões.

Ademais, na corrida das missões católicas e protestantes para educação dos negros, as autoridades colocaram condições, que impediria os missionários de despertarem os pretos. Logo, os missionários teriam de se tornar colaboracionistas de uma prática e política educativa baseada na discriminação e inferiorização do negro.

Esta ideia sustentadora da doutrina colonial, construiu um negro que por muito tempo, ficou acomodado e conformado com a realidade, perdendo a capacidade de reagir e lutar pela sua dignidade. Uma dignidade que não lhe seria possível, senão a força da sua própria mente. Uma mente que era oficina de doutrina bloqueadora do “ser superior”, porém, proponente e produtora do “ser menor”. Por isso, o negro demorou para ser livre, porque tanto a educação do Estado e das igrejas, eram orientadas num único princípio: “construir pretos inferiores e submissos”. Assim sendo, era necessário surgir um preto como Simão Tôco, como uma visão libertadora e reformadora, para redenção de uma educação consciente e bloqueadora dos vírus subalternizadores da colonização.

Simão Tôco e sua Contribuição na educação formal dos angolanos

Portanto, a “educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados” (Gohn, 2006 como citado em Cascais e Terán, 2014). Por isso, Simão Tôco defendeu uma educação institucional ou formal de qualidade para os pretos e o direito ao acesso aos demais níveis de ensino para os pretos, não apenas por ter sido “diplomado para o exercício da docência” (Nunes, 2018), mas devido a necessidade de conscientizar os oprimidos angolanos e libertá-los das argolas do colonizador, de maneira que estes pudessem libertar mais oprimidos, a fim de chamar todos para os caminhos da liberdade.

No entanto, Cascais e Terán (2014, p. 1) apontam que a “educação, de modo geral, prepara o ser humano para o desenvolvimento de suas actividades no percurso de sua vida. Nesse sentido, faz-se necessário uma educação, ao longo da vida, a fim de dar suporte aos vários aspectos sejam eles, económicos, sociais, científicos e tecnológicos, impostos por um mundo globalizado”.

De igual modo, sendo a “educação formal aquela realizada pelas escolas” (Cascais e Terán, 2014), Tôco, tomou a iniciativa de dar seus passos neste contexto, para revolucionar a mente angolana, o sistema e a forma de organização das escolas na época colonial, aquando do seu regresso “à Missão de Kibocolo, em Fevereiro de 1937” (Nunes, 2020), onde começou a exercer a docência, propondo mudanças objectivas neste sector.

Entretanto, “após um ano lectivo bem-sucedido, Toco foi oficialmente transferido em Outubro de 1938 como Professor no Município de Bembe, na Sociedade Missionária Baptista, onde veio a exercer a sua função como formador de 1938 a 1942” (Kisela, 2012, p. 32). “Depois de um tempo no exercício da docência, notou que os alunos do Bembe eram discriminados e impedidos ao acesso a 4ª Classe” (Domingos, 2007, p. 17).

Por isso, em detrimento da situação, recorreu ao Reverendo Lamborne, da Missão Baptista naquela localidade, mostrando sua insatisfação e, ao mesmo tempo propôs a solução, dizendo que não concordava com a limitação imposta e, que os alunos pretos deveriam continuar até a 4ª classe e além, portanto não se podia discriminá-los daquela forma, porém, a missão tentou impedir, sob pretexto de que “bastava apenas um preto culto como você. Que os outros se viram” (Ferreira, 2012), mas doravante, tiveram de ceder, e os “meninos passaram ter acesso a 4ª classe” (Domingos, 2007), porque Tôco ameaçou abandonar a missão. Neste sentido, não podemos olhar Tôco apenas na vertente profeta, mas um revolucionário e refeormador dos princípios educacionais que respondiam os anseios e a dignidade dos pretos, perante os desafios das igualdades raciais.

Simão Tôco, percebeu que ao longo de séculos, o branco coisificava o preto, tornando-o objecto das suas prescrições. Por isso, aproveitou o processo de crises sociais instalados nas colónias em África, para formar um tipo de homem consciente e capaz de colocar fim a doutrina colonial da educação amarga e opressiva, e produzir a sublevação de homens que ultrapassaram estas etapas (opressoras) com o exercício de uma educação da liberdade, porque “até então tiveram em vigência os valores de uma sociedade-objeto, reflexa, o povo imerso e distanciado das elites; formação social onde se configurava uma restrição de base ao diálogo, à livre comunicação entre os homens” (Freire, 1967, p. 16)

Ademais, Simão Tôco estabeleceu regras e princípios norteadores da sua abordagem educacional, e a liberdade era um dos valores resultante da sua prática educativa, porque estava ciente da necessidade de ver o preto livre das correntes coloniais. Por isso, nas suas escolas de alfabetização, ensino de línguas e cultura africana, bem como, no campo da acação religiosa, preparava mentalmente as pessoas para que pudessem ser livres.

Entretanto, o profeta estava ciente que era impossível alcançar a liberdade, sem, no entanto, uma educação libertadora, porque aquelas ministradas pelas missões e escolas seculares, estavam eivadas de prescrições opressivas, fundamentadas em políticas que se cingem na perpetuação da submissão do africano ao branco.

De igual modo, Nunes (2018) reitera que a prática educativa libertadora do “tocoísmo surge, num momento em que a África se encontrava sob dominação cruel das forças coloniais e toda tentativa de autodeterminação era reprimida, mas Deus já havia consagrado o mestre Simão Tôco, para que nada pudesse impedir a gestação e os efeitos humanos da sua pedagogia libertadora.

Entretanto, quando uma educação liberta, os oprimidos reagem a opressão, para contrapor uma prática educativa opressora. Por isso, Simão Tôco de forma silenciosa, foi preparando os africanos, e de 1937 a 1950, tinha alcançado resultados concretos deste tipo de educação, por meio da conscientização, tendo ao seu lado homens destemidos e com capacidade de lutaram pela sua liberdade e resistirem a violência colonial.

Tudo isto, é parte do seu humanismo e apressa ao povo, por isso, aproximou-se sempre ao povo, porque entende que estas massas populares merecem dignidade e uma educação crítica, que conduz a liberdade. Diferente de muitos políticos, que só se aproximam da população por razões que podem manter o seu poder – eleitoral, tal como, Paulo Freire (1967) afirma que:

O educador, a serviço da libertação do homem, dirigiu-se sempre às massas mais oprimidas, acreditou em sua liberdade, em seu poder de criação e de crítica. Os políticos só se interessavam por estas massas na medida em que elas pudessem, de alguma forma, tornar-se manipuláveis dentro do jogo eleitoral. O educador estabeleceu, a partir de sua convivência com o povo, as bases de uma pedagogia onde tanto o educador como o educando, homens igualmente livres e críticos, aprendem no trabalho comum de uma tomada de consciência da situação que vivem. Uma pedagogia que elimina pela raiz as relações autoritárias(p. 26).

No entanto, Simão Tôco, ensinou aos seus adeptos que todas as liberdades, requer sacrifício e homens corajosos para alcançá-los, seja liberdade de expressão, liberdade de independência, liberdade religiosa, liberdade de resistir e outros. Por isso,

todos os direitos e liberdades defendidos pelo Simão Tôco e seus adeptos, estão intrinsicamente ligada aos padrões da sua pedagogia libertária. Simão Tôco é o precursor de uma educação libertadora, antes mesmo que os partidos políticos, tivessem tal petulância.

Nós tocamos o sino, e sem qualquer reserva isto custou-nos muito sangue, mesmo antes do nascimento de partidos políticos no País. O tocoísmo que é constituído por homens, mulheres, jovens e crianças provenientes das igrejas: católica, protestante, testemunhas de Jeová, adventistas do sétimo dia e ateus, surge como já me referi atrás, como uma força espiritual, para o despertar das consciências africanas, adormecidas na servidão do pecado e escravatura imposta pelos impérios ocidentais (Nunes, 2022).

Esta reflexão, revela que a educação libertária tocoista, havia atingido o seu apogeu, e que, mais do que aprender, agora era necessária colocar em prática o que se terá assimilado do mestre e pedagogo, Simão Tôco, pois a conscientização do oprimido foi feita com sucesso e sua postura, criativa e crítica, havia crescido de um modo claro. Logo o oprimido, já não tinha medo de lutar pela sua liberdade, que na óptica objectiva, ajuda também a libertar o próprio opressor da consciência opressiva.

Outrossim, como já referimos, a fundação da igreja Tocoista marca o início de uma nova era para Simão Toco e os seus prosélitos com sofrimentos, opressões, torturas, vigilância, denúncias, prisões e

mortes no grupo devido as suas actividades sociais e espirituais. Sendo, considerado tão influente e, capaz de pôr em perigo qualquer sistema colonial, as autoridades belgas o perseguiram e devolveram-no aos colonos de Angola (portugueses), que os terão feito pior do que os Belga.

Em 1949, quando Tôco foi preso, cerca de três (3000) adeptos também o terão seguido, e até 1974, muitos se sujeitaram as prisões e torturas. Ademias, o ciclo de prisões foi continuando, de Ndolo e Filtra, para Angola - Vale do Loge Namibe (Ponta Albina), Coconda e Chibia (Huila), Luanda, Benguela, Cuanza-Sul, Moxico e todas regiões de Angola. Agora nos perguntariamos: porquê os tocoistas não largaram o seu líder? A resposta é bem simples: porque dele receberam uma

educação libertária, na qual, a coragem é a condição da conquista da dignidade humana.

Ostocoístastinhamnoçãoqueadignidade dos angolanos só seria conquistada com a manutenção e concretização de uma prática educativa libertadora, pois, o contrário, não seria possível. Outrossim, tinha noção que quanto mais desterro ou exílio por toda Angola e o mundo, maior seria a probabilidade expandir a educação doutrinada pelo profeta Simão Tôco. Uma educação que beneficia não só tocoístas, mas todos oprimidos.

Simão Tôco, a partir de 1937, foi transmitindo silenciosamente sua educação libertadora, porém, em 1949, havia alcançado resultados concretos e tonou-se público e ressonante a sua filosofia educativa, porque não é fácil (naquela época), mais de três (3000) homens no primeiro momento a se predisporem corajosamente em defesa da doutrina educativa que os levaria a represálias, por parte do opressor.

Aqueles três (3000) homens “abandonaram suas casas, para se apresentarem voluntariamente à polícia belga, sem medo de armas, puretes ou qualquer forma de retaliação, deixando

suas impressões digitais, em nome da liberdade ensinada pelo mestre e pedagogo, Simão Gonçalves Tôco” (Nunes, 2022), porque não foram covardes e nem pretendiam compactuar com a covardia.

Este episódio, é reflexo de uma educação libertária de Simão Tôco. É aqui onde reside a nossa afirmação, de que o processo de educação libertária é silencioso, mas seus resultados são ressonantes, concretos, impactantes e subversivos (se for necessário, na sua nobre missão de restauração da dignidade da pessoa humana).

Os tocoístas, educados pelo profeta a resistirem a toda prática educativa opressora, foram chamados de subversores e desordeiros. Porém, era normal para Simão Tôco, porque todos aqueles que lutam pela liberdade, são submetidos numa condição de vilões, em que o opressor aproveita-se do acto dos oprimidos, e inverte o seu sentido libertador, considerando-as desumanas, quando são eles os vilões e os desumanos prescritores de uma pauta ideológica e educativa, consubstanciada na coisificação do oprimido.

Para os opressores, porém, na hipocrisia de sua generosidade, são sempre os oprimidos, que eles jamais obviamente chamam de oprimidos, mas, conforme me situem, interna ou externamente, de essa gente ou de essa massa cega e invejosa, ou de selvagens, ou de nativos, ou de subversivos, são sempre os oprimidos os que desamam. São sempre eles os violentos, os bárbaros os malvados, os ferozes, quando reagem a violência dos opressores. Na verdade, porém, por paradoxal que possa parecer, na resposta dos oprimidos à violência dos opressores é que vamos encontrar o gesto do amor. (Freire, 1970, p. 24).

A pesar da teimosia dos opressores, somos a realçar que o pensamento educativo de Simão Tôco triunfou, porque as liberdades foram alcançadas, por meio da conquista

da soberania, quando aos 11 de Novembro de 1975, proclamou-se a independência de Angola, pelo Presidente António Agostinho Neto. Neste sentido, a prática educativa da liberdade triunfou.

Materiais e métodos

É desalientar que a presente pesquisa é de natureza qualitativa, porque “além de descrever a aparência do problema em estudo, analisou-se a essência” (Triviños, 1987 como citado em Oliveira, 2011, p.11) das “contribuições do Profeta Simão Gonçalves Tôco no campo da educação em Angola no período de 1937 a 1950”. Outrossim, quanto ao objetivo, a presente pesquisa segue sendo descritiva, porque focou-se na busca, análise, compreensão e descrição das “contribuições do Profeta Simão Gonçalves Tôco no campo da educação em Angola no período de 1937 a 1950”.

Assim sendo, quanto a colecta de dados, a pesquisa serviu-se de entrevista, sobretudo, a semi-estruturada, na qual, através de “uma conversa informal dirigindo questões de uma forma simples, aberta e liberal” (Aragão & Neta, 2017, p. 35), aos entrevistados confirmou-se a veracidade sobre as “contribuições do Profeta Simão Gonçalves Tôco no campo da educação em Angola no período de 1937 a 1950”.

Neste âmbito, as entrevistas, realizaram-se com vinte e dois (22) indivíduos em 2023, sendo distribuídos da seguinte forma: vinte e dois (22) anciãos e Pastores da Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo no Mundo “os Tocoístas” e oito (8) estudantes do 4º ano do curso de Ensino da História da Escola Superior Pedagógica do Cuanza-norte. Outrossim, os entrevistados estão

entre os 28 e 68 anos de idade, sendo todos do sexo masculino.

De igual modo, é de reiterar que o guião de entrevista foi dividido em duas questões relacionada ao problema em estudo, sendo que a primeira se refere “as razões que levaram Simão Gonçalves Tôco defender a educação” e a segunda incide sobre a “detalhamento das contribuições do Profeta Simão Gonçalves Tôco no campo da educação em Angola no período de 1937 a 1950”. Outrossim, além da entrevista, a pesquisa serviu-se de método bibliográfico, pois, “recorreu-se às contribuições de diversos autores sobre o assunto” (Lakatos & Marconi, 2001, como citado em Oliveira, 2011, p.19), tais como livros, artigos de revista, Dissertações e monografia.

Resultados

especificação das razões que levaram Simão Gonçalves Tôco defender a educação em Angola no período de 1937 a 1950

Neste questão, os entrevistados foram unânimes em dizer que a opressão foi a causa maior que levou o nacionalista e líder Simão Gonçalves Tôco defender a educação em Angola, porque a educação para os pretos como tal em Angola não existia, pois, existiam sim, um plano de instrução baseado na inferiorização dos pretos.

Para o entrevistado, V e o W, ambos tocoístas, reiteraram que sob pretexto de nos “civilizar” (Keita, 2009), nos disponibilizaram uma educação frágil,

que além da 4ª classe e um aprendizado baseado nos ofícios, não houve nada que despertasse a consciência do preto, porque o propósito era nos dominar e marginalizar, por isso, o Messias africano e libertador Mayamoná, Simão Gonçalves Tôco, lutou e reagiu a agressão psicológica e cultural do branco em prol da emancipação do homem negro. De igual modo, os entrevistados, A e L, ambos estudantes da Escola Superior Pedagógica do Cuanza-Norte, afirmaram taxativamente o seguinte:

Temos observados os cultos tocoista na TPA e percebemos que esta Igreja é nossa e lutou por uma educação reflexiva e conscientizadora, mas ainda assim, em Angola só se fala de Agostinho Neto, Savimbi e Holden Roberto, mas os tocoístas, foram os primeiros a começar uma luta corajosa e aberta por uma educação libertadora. Na década de 1940, já existiu em Angola, Simão Tôco que ensinou princípios emancipadores. Ele defendia uma educação básica, média e superior, porque os pretos na época eram limitados e impedidos de aceder a estes benefício.

detalhamento das contribuições do Profeta Simão Gonçalves Tôco no campo da educação em Angola no período de 1937 a 1950.

Neste questão os entrevistados, afirmaram que Simão Gonçalves Tôco, defendeu uma educação religiosa, baseada no respeito pela espiritualidade africana, conforme nos foi ensinada pelos nossos ancestrais. Entretanto, o entrevistado V reiterou que Simão Tôco defendeu uma educação cristã que agrega os valores da ancestralidade africana. De igual modo, defendeu uma educação escolar que “congregasse

indiscriminadamente brancos e pretos” (Domingos, 2007), e não apenas brancos. O Entrevistado L afirmou que o próprio Simão Tôco foi alvo de discriminação, porque quando terminou o “Liceu Salvador Corrêa, que também tinha feito com ajuda dos missionários, não conseguiu entrar na Universidade, porque era órfão de Pai e mãe, e não tinha mais alicerces para continuar com a sua formação” (Kisela, 2013).

Por isso, voltou no Bembe e no Kibocolo para defender uma educação escolar inclusiva e que desenvolvesse verdadeiramente a mente dos angolanos. Ele desafiou os missionários que fingiram nos ensinar verdadeiramente e até colocou sua posição de professor a disposição, porque não lhe queriam ouvir, quando defendesse o direito dos pretos a educação de qualidade. Ademais, os missionários diziam basta ensinar um preto, que os outros se viram e mantêm-se atrasados, apendendendo somente programa religioso.

O entrevistado W, afirmou que na década de 1940 e 1950, Simão Tôco defendia como professor do Bembe e Kibocolo, uma reforma educativa, baseada no aprendizado de conteúdos

sobre independência, porque sabiam que com os missionários, sejam católicos ou protestantes, não se aprenderia para liberdade, senão apenas para a continuidade da colonização, escravidão e submissão do preto sobre o branco. Mas Simão Tôco nos ensinavam que um dia seremos livres e os escravos africanos, tornar-se-iam em governos e homens livres.

Por isso, quando ele esteve no Kongo, enfrentou os belgas e determinou que dentro de “10 anos vocês voltarão para vossas terras” (Salomão, n.d.). Em suma, os entrevistados corroboram que Simão Tôco defendeu não só a educação religiosa, mas escolar e a educação sobre liberdade ou a autodeterminação.

Discussão

No que concerne a razões que impulsionaram Simão Gonçalves Tôco a defender a educação em Angola no período de 1937 a 1950, os resultados são significativo, a medida que Simão Tôco, reagiu a violência e marginalização educacional e social do branco sobre o preto. Ele se levantou para defender a dignidade dos pretos, porque uma educação limitada e sem poder de libertar as mentes, não pode ser considerada dignitária. Por isso, Tôco se terá rebelado, olhando para o perigo que as insuficiências da educação reservada para os pretos representava.

Entretanto, os entrevistados V e W, afirmaram que “sob pretexto de nos civilizar, nos submeteram a uma educação frágil”, esta resposta também é significativa de maneira que a civilização de que os europeus asseguravam era apenas

transmitir timidamente alguns valores europeus, que mais do que menosprezar e submeter o africano, não trazia elementos reflexivos e conscientizador. O próprio Norton de Matos, subscreveu esta tipologia de educação insuficiente e desumano ao declarar que “os pretos devem continuar analfabetos e educação deles dirigida, tem de se basear apenas na aprendizagem de ofícios” (Silva, 2017), nada mais do que isso.

Neste sentido, percebe-se que a educação apregoada pelo colono em Angola, era de submissão e perpetuação da colonização, sem compromissos libertários, porque o opressor teme a liberdade ou conscientização do oprimido. Por isso, Simão Gonçalves Tôco, percebendo esta situação desde muito cedo, criou uma filosofia educativa da libertação – o Tocoísmo, para defender os pretos – “desvalidos da sorte” (Rummert, 2005, p. 1).

O plano curricular que suportava a formação dos pretos era vazio, voltado para marcinaria, carpintaria, cerrelharia e outros ofícios, que não desenvolviam a mente, porém, mantinha o preto prosélito e parasitário do pensamento e doutrinação do branco, o que na prática constituía um extremo retrocesso, e destruição da predisposição natural da criatividade dos pretos.

Por isso, Simão Gonçalves Tôco, não poupou esforço ao reagir e teve de sofrer até a violência do opressor, porque vinham nele um espírito anarquista com tendências de chocar e desdogmatizar o statu quo, pois, o opressor nunca enxerga em si mesmo a sua alma arrogante e de predador do oprimido, rotulando como subversores e inimigos do Estado os oprimidos que a ninguém oprimem, senão apenas se autodefendem da agressão do opressor – o predador.

Infelizmente, corrobora-se com os entrevistados quando afirmam que mesmo em meio a tantas obras de Simão Gonçalves Tôco neste país, o protagonismo é exclusivamente atribuído aos políticos como Dr. Jonas Savimbi, Holden Roberto e Agostinho Neto, o que na prática se demonstra uma certa omissão da verdadeira história de Angola, sobretudo, no campo da educação. Assim sendo, sugere-se que as instituições académicas e políticas, desdobram-se e buscam condignamente trazer nos nossos currículos de história e pedagogia, elementos que apontam Simão Tôco, como precursor de uma luta baseada na educação reformista, na qual, os padrões da cultura angolana são restauradas – reangolanização.

Relativamente as contribuições do Profeta Simão Gonçalves Tôco no campo da educação em Angola no período de 1937 a 1950, somos a salientar que a resposta dos entrevistados é significativa, convergindo com os anais da história do Tocoísmo. Entretanto, é plausível a resposta do entrevistado L ao afirmar que “o próprio Simão Tôco voltou no Bembe e no Kibocolo para como professor defender uma educação escolar inclusiva e que desenvolve a inteligência dos angolanos” (Kibeta, 2002; Domingos, S., 2007; Sarró & Blanes, 2008; Domingos, C., 2017), significa que inequivocamente contribuiu para a defesa de uma educação secular igualitária, na qual, brancos e pretos estejam nas mesmas condições de oportunidade no campo educacional.

Outrossim, entende-se que esta contribuição de Simão Tôco, foi urgente a medida que percebera que era preciso desconstituir a educação colonial, para constituir a educação genuinamente angolana, porque a colonial estava consubstanciada na destruição ou destruição de valores inerentes a dignidades dos pretos, mas uma educação angolana seria para ele, uma nova vinculação com as raízes que brotam sobre os nossos valores culturais e sociais. De igual modo, percebe-se que para Tôco, apenas um tipo de educação genuinamente angolana, seria capaz de libertar e despertar a criatividade que impera sobre o preto.

Por isso, preferiu desafiar os missionários, defendendo uma educação secular que responde os anseios dos pretos e igualiza os pretos em relação aos brancos, no que tange as oportunidades. Tôco sabia que sua atitude de libertador dos seus irmãos beliscaria sua relação

com os missionários protestantes que silenciosamente eram foguetes do imperialismo europeu e americano, porém, terá entendido que a dignidade do africano era importante nesta luta, todavia, nunca recuou na sua posição.

Ademais, os entrevistados ao afirmarem que Simão Tôco defendeu a educação sobre a liberdade, nos remete as suas discussões sobre autodeterminação, tal como, o entrevistado W, afirma que “na década de 1940, Simão Tôco defendia como professor do Bembe e Kibocolo, uma reforma educativa, baseada no aprendizado de conteúdos sobre independência, porque sabia que com os missionários, sejam católicos ou protestantes, não se aprenderia para liberdade, senão apenas para a continuidade da colonização, escravidão e submissão do preto sobre o branco”. Contudo, esta resposta é significativa, porque Simão Tôco ensinava aos seus adeptos que temos de expulsar os opressores e usurpadores.

A terra é nossa e vocês tem que continuar a orar. Os nossos avós entregaram esta terra aos portugueses para eles civilizarem, mas não foi para tomar conta dela. Nunca se esqueçam de orar pela nossa terra. No Congo é que vai começar a maka [luta] (FERREIRA, 2012, p. 103).

Neste sentido, Simão Tôco construiu o Tocoísmo, não só como uma religião, mas como uma escola ou fábrica de redenção e emancipação do preto, especialmente angolano, para que respondesse aos principais desafios do século XX em África para os pretos – a educação sobre a autodeterminação.

De igual modo, sabe-se que foi Simão Tôco que em 1950 cronometrar os

anos que sobravam para o colonizador em África como resposta a agressão sofrida de um oficial policial belga, dizendo que, “dentro de 10 anos, já não estareis aqui no Kongo, e África viverá um processo massivo de descolonização” (Salomão, n.d.), e esta profecia concretizou com a libertação do Gana em 1957 e Kongo em 1960. Todavia, entende-se que este profeta é defensor da educação sobre autodeterminação, através de uma doutrina de libertação e conscientização bem apurada – o Tocoísmo, que desafiou e resistiu contra a educação da opressão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Contudo, os resultados demonstram que Simão Tôco é um profeta e nacionalista, que defendeu uma educação escolar inclusiva, criativa e libertária. De igual modo, buscou dentro do Tocoísmo, uma educação sobre autodeterminação ou independência, onde os escravos tornam-se livres e se autogovernam, sem quaisquer proselitismo aos brancos.

Entretanto, Simão Gonçalves Tôco foi professor e pedagogo que estabeleceu sua própria doutrina educativa, na qual, a liberdade é dos elementos que nortearam o processo de ensino e aprendizagem dos adeptos, para que, tendo consciência da opressão, pudessem ser protagonista da sua própria liberdade. A contribuição de Simão Tôco na educação formal e educação sobre a autodeterminação, foi fundamental para que o angolano percebam-se que estava sendo marionetizado, por uma ideologia (colonialismo), cujo objectivo era deixá-lo cada vez mais cego, retrocedido e oprimido.

Outrossim, Simão Tôco ao combater a doutrina educacional do colonialismo que inviabilizava a autodeterminação e a escolarização quantitativa e qualitativa dos pretos, estava contribuindo para libertação e conscientização do homem negro, que submissos a opressão, perdiam, igualmente o foco da sua liberdade, sujando sua mente com conteúdo que só o conduziam para o obscurantismo e a dependência total ao branco.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Cascais, M. G. A. & Terán, A. F. (2014). Educação formal, informal e não formal na educação em ciências. *Ciência em Tela*, 7, nº2. Recuperado de <http://www.cienciaemtela.nutes.ufrj.br/artigos/0702enf.pdf>.

Domingos, S. A. (2007). O Fenomenal Profeta Africano: Simão Gonçalves Toco “Mayamona”. Kinshasa: CEDI.

Domingos, C. A.F. (2017). O contributo do Tocoismo no campo da educação em Angola de 1937 a 1975 e sua integração no subsistema do ensino geral angolano. (Monografia de licenciatura), Universidade Katyavala Bwila, Sumbe.

Freire, P. (1967). *A Educação como Prática da Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Freire, P. (1970). *A Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Ferreira, C. L. (2012). O Tocoismo como Elemento da Identidade Angolana (1950-1965). (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Letras, Lisboa.

Keita, B. N. (2009). *História da África Negra*. Luanda: Mirandela.

Kisela, J. A. (2013). *Simão Toco: A Trajectória de um Homem de Paz*. Luanda: Nzila.

QUIBETA, S. F. (2002). *Simão Toco: o Profeta Africano em Angola*. Luanda: S.E.

Nunes, A. (2018). *A Enciclopédia Tocoista: Gênese e Identidade*. Luanda: Acácias.

Nunes, A. (2020). *Introdução à História do Tocoismo*. Luanda: Mayamba.

Nunes, A. (2022). *Vigília de Alta Pressão: o Clamor do Povo pela Pátria*. Luanda: Gabinete do Líder Espiritual.

Rummert, S. M. (2005). Projeto escola de fábrica – atendendo a “pobres e desvalidos da sorte” do século XXI. *Perspectiva*, v. 23, n. 02, p. 303-322. Recuperado de <http://www.ced.ufsc.br/nucleos/nup/perspectiva.html>.

Silva, G. B. (2017). A política educativa Colonial e a disputa das missões católicas e protestantes em Angola (Séculos XIX-XX). *Sæculum - Revista de História*, João Pessoa, v. 36, p. 68-69, jan./jun. Recuperado de <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/srh/article/download/30046/19633/>.

Sarró, R. & Blanes, R. L. (2008). O Atlântico cristão: apontamentos etnográficos sobre o encontro religioso em Lisboa. *Etnográfica*, nº4, pp. 839-854. Recuperado de <https://www.ics.ulisboa.pt/file/4717/download?token=6AYHfjkN>.

SALOMÃO, A. (n.d.). *17 de Abril de 1935: Dia da libertação espiritual de África*. Luanda: Direção de documentação e Publicação.



MWANA PWQ EDITORA

